



Presidência da República  
Casa Civil  
Secretaria de Administração  
Diretoria de Gestão de Pessoas  
Coordenação – Geral de Documentação e Informação  
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA  
PRESIDÊNCIA  
DA REPÚBLICA

*Discurso na solenidade de  
inauguração da primeira turbina da  
Usina Hidrelétrica de Salto Caxias*

FOZ DO IGUAÇU, PR, 26 DE MARÇO DE 1999

*Meu caro amigo e Governador Jaime Lerner, que tanto tem feito por este estado e pelo Brasil; Senhor Ministro das Minas e Energia, Doutor Rodolpho Tourinho; Senhor Senador Álvaro Dias; Senhores Parlamentares, tão numerosos, aqui presentes; Senhores Prefeitos, muito especialmente o Prefeito da cidade; Senhor Presidente da Copel, Ingo Hubert; Senhoras e Senhores,*

Disse o Governador Lerner que é a quarta vez que, desde janeiro deste ano, venho ao Paraná, para inaugurar obras marcantes para o estado. É verdade. Vim à inauguração de indústrias de automóvel, vim à inauguração de fábricas ultramodernas, para lidar com madeira. Agora, é essa usina, que é marcante também, de Salto Caxias.

Isso porque o Paraná encontrou o rumo. E o Brasil também. O nosso país, por algum tempo, por causa da inflação, ficou paralisado nos seus projetos de desenvolvimento, mas retomou o seu caminho de crescimento.

Perturbações existem, quem pode negá-las? Mas o rumo não foi perdido. Encontramos 23 obras de energia elétrica paralisadas, quando assumimos o governo, em 95. Retomamos todas elas. Dessas

23, várias já foram concluídas e agregaram ao potencial energético do Brasil 5 milhões de megawatts. Isso significa, se bem aprendi a lição, cinco Bolívias, cinco vezes o que a Bolívia produz por ano. E a Bolívia é um país importante, que gera energia.

Se somarmos a essas obras algumas outras que complementamos como, por exemplo, Xingó que, das cinco ou seis unidades geradoras, apenas uma estava funcionando – e agora estão todas – nós acrescentamos, em quatro anos – na verdade em três, porque foi preciso refazer tudo isso, houve uma comissão do Senado analisando as obras paradas, e por aí foi – nós acrescentamos cerca de 10 milhões de megawatts ao Brasil. Em quatro anos.

Isso significa, na prática, que dobramos o ritmo de construção do Brasil, na média histórica. E se não o tivéssemos feito, aquele “apagão” que nos assustou, outro dia, seria diário, em várias regiões do Brasil, porque teríamos que racionar a energia elétrica. Não teríamos condições de gerar mais e, portanto, iríamos paralisar as nossas indústrias, iríamos diminuir o ímpeto de crescimento do Brasil.

O programa continua. Faltam muitas outras a ser completadas. Mas nós as completamos de uma maneira nova. Aqui, basicamente, foi o Paraná, foi a Copel, a tecnologia é brasileira, os técnicos são brasileiros. As máquinas que estão gerando aí, que nós acabamos de ver, aí dentro, são feitas no Brasil, em Jundiaí, no Rio Grande do Sul, no Paraná, em todo o Brasil. O desenho de muitas das máquinas é brasileiro. A adaptação do *software* é brasileira. E tudo isso na vanguarda, na ponta da tecnologia.

Aqui, isso foi feito pela Copel, pelo governo do Paraná, e a Eletrobrás aportou o único recurso que não foi gerado pela própria Copel: cerca de 360 ou 350 milhões de reais. O total da obra é de 1 bilhão. Fruto do trabalho nosso, brasileiro. Se nós formos em outras obras, que estão sendo feitas pelo Brasil afora, algumas têm capital estrangeiro, outras têm capital privado, outras têm capital estatal. Muitas vezes, esses capitais estão fundidos em associações as mais diversas.

Ou seja, nós desamarramos o Brasil de vícios mentais que achavam que só um setor podia produzir e que um tinha que se contra-

por a outro: ou é privado ou é estatal. Não, é público. E um bem como esse – neste caso, a usina pertence ao governo do Paraná – se amanhã vier a ser vendido, por acaso, não tem importância. Temos a Aneel, que é a agência reguladora, cujo Presidente está aqui –, que vai controlar para saber se a produção gerada serve ao País, se serve ao povo ou não. E aí, nesse caso, importa menos saber se é privado ou se é estatal. O que importa é saber se o serviço atende ao público, atende à população.

Aqui ao lado – e está aqui o Presidente de Itaipu, que é o Doutor Euclides Scalco – temos uma binacional gerando energia. Poucos países no mundo foram capazes de, num período tão curto de tempo, como fizemos no Brasil, transformar esse Brasil – não me refiro ao meu governo, mas ao Brasil depois da Segunda Grande Guerra Mundial – e transformá-lo num país industrial, que é o que somos hoje.

Isso se deve – já o disse, também, o Governador – à capacidade do nosso povo, dos nossos engenheiros, dos nossos operários, dos nossos técnicos em geral, dos nossos congressistas, quando modificam a lei e entendem os passos a ser dados, da capacidade executiva que já existe no Brasil.

E é por isso que compartilho, inteiramente, da visão do Governador Jaime Lerner. Não precisamos estar o tempo todo a olhar no retrovisor. Isso não quer dizer que não tenhamos que olhar, até bem de pertinho, as pedras que estão no caminho e superar os obstáculos. E, aí, temos que ofuscar a existência de dificuldades. Temos que ter uma visão mais ampla, para que possamos ultrapassá-las.

E é esse o esforço que estamos fazendo presentemente no Brasil. E, até o momento, depois de um sacolejão forte, com êxito, conseguimos, realmente, colocar, de novo, o País em um trilho que toda a gente percebe que é um trilho que vai dar certo outra vez, que vai reencontrar a aspiração do povo, que é a de ter um nível de vida decente, que a carestia não volte; e, ao mesmo tempo, a capacidade de investimento e que nós possamos continuar produzindo, exportando, crescendo, integrados, crescentemente, na economia internacional. E também sabendo defendermo-nos, quando necessário, das tempestades que vêm,

às vezes, de fora, como esta última. Apesar de tudo, conseguimos, outra vez, segurando firme no leme, colocar o País no rumo necessário, que é o rumo da crença em si mesmo e é o rumo, digamos, da nossa capacidade de avançar, sempre, não negando as dificuldades, mas não deixando que elas tomem conta do nosso espírito.

E cada vez que venho ao Paraná, venho por isso, Governador. Porque, aqui, a gente sente o povo do Paraná, ao qual eu também sou grato e imensamente grato, pelas vezes em que estive aqui, pelo modo como fui recebido, pelas eleições e pelos votos que recebi aqui. Quando se chega aqui, ao Paraná, se percebe que, efetivamente, este é um estado de pioneiros. E um estado de pioneiros é um estado aberto: aqui vem gente de toda a parte do mundo e do Brasil. A marca nova do Paraná é, precisamente, essa marca da confiança. É um povo que acredita em si e, por isso, constrói e, por isso, avança.

Claro, não podemos olhar só para o que temos feito – e é muito – na parte de energia, na parte de indústria, na parte de agricultura, onde teremos que fazer mais. E é oportuno dizer também, sobretudo aqui, no Paraná, que vamos provocar modificações profundas na questão agrária, porque vamos dar atenção crescente à produção da unidade familiar. Vamos ter que dar terra a quem realmente trabalha nela e sustentar a família que trabalha na terra – e não sustentar, indefinidamente, movimentos, movimentos, movimentos, que não geram a produção necessária, porque essa é a melhor maneira para atender aqueles que são sem-terra e querem usar terra para trabalhar.

Não vamos deixar que se crie uma clientela do Estado, no campo, que vai ser subvencionada pela cidade. O povo do Brasil merece mais do que isso. Merece condições para que possa produzir e trabalhar com segurança. E é por isso que vamos, agora, dar um impulso muito grande ao Programa Nacional de Agricultura Familiar, o Pronaf. Através do Pronaf, vamos dar força à unidade familiar de produção, ao pequeno proprietário, que realmente trabalha na terra.

Há muitos outros problemas a ser enfrentados. Vamos enfrentá-los com determinação, com calma, com firmeza e persistência. Mas há um ao qual quero me referir, porque diz respeito a um outro

tema que foi mencionado pelo Governador: a famosa discussão sobre o pacto federativo. Melhor definição não poderia haver do que a do Governador Lerner. Trata-se de co-responsabilidade. Havendo co-responsabilidade, porque é isso o que o povo espera de nós, temos que ver também como se repassam os recursos, para que eles possam ser úteis à população. O recurso não pode ser útil ao governo da União, ao governo estadual ou ao governo municipal. Tem que ser útil ao povo. Então, a nossa discussão tem que estar centrada nisso.

Chegou, realmente, um momento em que o Brasil não pode postergar a reforma tributária. Por difícil que seja, vamos enfrentá-la. Vamos enfrentá-la porque ela é necessária para complementar o impulso de desenvolvimento que está sendo plantado por esse Brasil afora. E não há escusas em dizer que há outras reformas, porque as há realmente. O governo acabou de mandar projetos importantes sobre a Previdência Social. Há projetos importantes sobre a questão da reforma administrativa, que estão lá. Há projetos importantes sobre a questão das relações de trabalho, que também precisam ser modificadas, que precisam ser atualizadas, para que possamos ter condições melhores de relacionamento na área trabalhista.

Há muitos projetos importantes. A maior parte deles são projetos infra-constitucionais e, portanto, o Congresso tem condições de votar, ao mesmo tempo em que cuida da reforma tributária. E se, amanhã ou depois, houver outras questões momentosas, como as há, não adianta tampar o sol com a peneira. Neste momento, o Brasil todo olha para a questão do Judiciário. Vamos enfrentá-la, também, com tranquilidade, com prudência, mas também com firmeza porque o Brasil cansou da postergação. Aqui, no Paraná, não se postergou. Aqui, nós estamos inaugurando uma usina hidrelétrica que gera energia. Logo, vai produzir mais empregos.

Pois bem, tenho a convicção de que nós, lá em Brasília, e o Congresso, especialmente, temos esse mesmo sentido de urgência. E dentro de uma capacidade de negociação e de entendimento – e incluo nisso a oposição – com uma agenda positiva e nacional, nós todos juntos vamos trabalhar para que esta usina seja apenas mais uma –

como disse o Ministro Rafael Greca – nesse enxoval de inaugurações que o Governador Lerner tem à nossa disposição.

Vamos aqui, desvendar esse enxoval. E não só no Paraná, no Brasil todo, com muita fé, com muita convicção. E vamos fazer com que este país, realmente, continue num caminho de um país que fará tudo para ser justo para com o seu povo.

Muito obrigado.